

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.14022019223-240>

O SEXO EM DISCURSO NA CONTEMPORANEIDADE: O FANTASMA DO GÊNERO E O ACONTECIMENTO GOLDEN SHOWER DISCURSIVE USE OF SEX IN THE CONTEMPORANEITY: THE GENDER PHANTOM AND THE GOLDEN SHOWER EVENT

Glória França*

Mariana Cestari**

Tyara Veriato Chaves***

Resumo: Um presidente, uma conta no Twitter e muitas polêmicas em torno da denominada “ideologia de gênero”. Tomamos aqui o caso do Golden Shower, no período do carnaval de 2019, como acontecimento que, analisado numa rede de memória, propicia reflexões sobre a produção da verdade na contemporaneidade e a discursivização do sexo na sua relação com a política e com a moral, na qual o medo ocupa um papel preponderante. Atravessados pela onda dos discursos de ódio, esses funcionamentos discursivos ainda se relacionam ao modo de enunciar no digital em tensão com a política institucional e os funcionamentos da figura enunciativa do porta-voz, afetando o que pode e deve dizer um presidente.

Palavras-chave: Contemporaneidade. Acontecimento. Digital. Sexualidade. Discurso.

Abstract: A president, a Twitter account and several controversies about the so called “gender ideology”. This paper takes into analysis the “Golden Shower” issue, situated during the 2019 Carnival, as an event. This event analysed in a complex memory chain foster consideration about the truth production in the contemporaneity and about the discursive use of sex related to politics and to moral, in which the predominant role is played by the discursive use of fear in this context. This discursive functioning, which is also crossed by the hate discourses wave, is related to the enunciation (uttering) mode in the digital, in the tension between institutional policy and the spokesperson enunciative figure and affects what a President may and must say.

Keywords: Contemporaneity. Event. Digital. Sexuality. Discourse.

Recebido em: 10/11/2019. Aprovado em: 21/11/2019.

1 O POLÍTICO NO CONTEMPORÂNEO: SEXO E MEDO

O pensamento sobre o contemporâneo em Agamben encontra guarida não apenas em uma noção de tempo cronológico, mas naquilo o que urge intempestivamente em determinado momento e possui a capacidade de convocar ao mesmo tempo o passado e

* Doutora em Linguística. Professora Adjunta da Universidade Federal do Maranhão. Grupo de Estudos e Pesquisas em Discursos, Interseccionalidades e Subjetivações (GEPEDIS/CNPQ). E-mail: gloria.franca@gmail.com

** Doutora em Linguística/ Professora do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. E-mail: marianajcestaricefet@gmail.com

*** Doutoranda em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas e integrante do Grupo de Pesquisa Mulheres em Discurso (141740/2015-9 - CNPq). E-mail: tyaraveriatoc@gmail.com

lançar-se pelo futuro. Mas o contemporâneo diz também de uma náusea, um incômodo, um desajustar-se àquilo que se apresenta aos olhos numa determinada época, assim, o olhar sobre a contemporaneidade não se reduz àquele que enxerga a escuridão do presente, mas diz, sobretudo, daquele que: “dividindo e interpelando o tempo, é capaz de transformá-lo e de relacioná-lo com outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de citá-la segundo uma necessidade que não provém de maneira alguma do seu arbítrio, mas de uma exigência à qual não pode não responder” (Agamben, 2014, p. 32-33). É difícil sermos contemporâneos dessa época, de viver em suas vértebras fraturadas, de perceber o modo como uma escuridão estranhamente familiar se instala e em 2019 vive o encontro intempestivo da sexualidade com o poder em seu desejo de controlá-la, delimitá-la, persegui-la e, como uma espécie de caça às bruxas, a chamada “ideologia de gênero”, que tanto se denuncia e tanto se quer proibir, emerge como um dos fantasmas de um governo que não cessa de falar e mostrar cenas de um sexual.

Em *Mulheres, Cultura e Política* (2017, p. 166), Angela Davis, citando Marx e Engels, afirma que “a arte é uma forma de consciência social [...] com o potencial de despertar nas pessoas tocadas por ela um impulso para transformar criativamente as condições opressivas que as cercam”. Em outra via, Derrida (2014) coloca as dificuldades em torno de atribuir à literatura (e digamos, às artes) uma função crítica, um programa ou mesmo um ideal regulador, no sentido de que se isso a honra, por outro lado, limita o seu acaso. Ao mesmo tempo, se as artes jogam com uma certa função crítica, isto está intimamente ligado àquilo o que relaciona política, censura e suspensão da censura no Ocidente. Da forma como está descrita por Davis e problematizada por Derrida, o campo estético parece se constituir no revés da onda (ou tsunami) conservador(a) que tem banhado o frágil terreno democrático deste país. Em que pesem as particularidades do caso brasileiro, ele participa das marés de uma conjuntura transnacional de disputas em torno de questões de gênero e sexualidade que têm atravessado o cenário político de modo a mobilizar e agrupar posições em circulação em programas de governo, protestos nas ruas e nas redes sociais, falas em cultos religiosos¹, por vezes em movimentos de censura e interdição que se constituem em uma falação (e numa mostração) sobre/do sexo, conforme veremos mais adiante.

A título de exemplo dessas águas turvas que aqui estamos chamando de conservadorismo(s), citamos dois momentos com funcionamento discursivo similar. O primeiro caso diz de um funcionamento da *narrativização imaginária* alardeada por discursos moralizantes que é perceptível no caso da vinda ao Brasil da filósofa norte-americana/estadunidense Judith Butler quando de sua participação no seminário intitulado “Os fins da democracia”, organizado pelo SESC Pompéia, em 2017.

¹ Entre 2012 e 2016, assistimos forças católicas, muçulmanas e de direita em manifestação contra o casamento entre pessoas do mesmo sexo na França. Em defesa do que denominam família tradicional, balões rosas e azuis deram o tom a manifestações com dezenas de milhares de pessoas nas ruas de Paris. Ouviam-se rumores de que as crianças pequenas teriam lições de teoria de gênero nas escolas francesas. Já na Colômbia, em 2016, o gênero emergiu como ideologia “diabólica e marxista” a ser combatida no referendo sobre o Acordo de Paz entre governo e FARC sob o argumento de que o texto do acordo privilegiaria a comunidade LGBTQI. No Brasil, forças católicas e evangélicas e o movimento Escola Sem Partido mobilizaram-se para excluir o termo “gênero” do Plano Nacional de Educação. Em seguida, o combate à “ideologia de gênero” foi um ponto importante para o bom desempenho de Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2018. (PRADO; CORREA, 2018)

Da ameaça de uma *fantasia*, *fantasma*, ou ainda de uma *palestra imaginada*, ao organizador do seminário foi entregue um abaixo-assinado solicitando que Butler não ministrasse a suposta palestra sobre “ideologia de gênero”. Ressalta-se que as investidas não se restringiram a um documento escrito - somaram-se a ela manifestação na porta do evento, onde se liam cartazes pedindo por “menos ONU, e mais família” e até mesmo foi ateado fogo em uma imagem da filósofa, atualizando uma memória do que Neckel e Flores (2018) chamaram em estudo recente de *fogueiras contemporâneas*. A teoria que a filósofa feminista encarnou na narrativa imaginada foi objeto de ataque assim como ações no âmbito da educação que tematizassem gênero e sexualidade. Para retomarmos o teor dos dizeres na ocasião do acontecimento, na página eletrônica da revista *Época*, matéria sobre o ocorrido fez circular que uma das manifestantes afirmou tratar-se de uma “teoria do mal que quer destruir a identidade do ser humano. Se eles fizerem isso, teremos uma sociedade detonada. Eu vou olhar para você e dizer ‘hoje eu acho que sou homem, hoje eu acho que sou uma jabuticaba’”, a que outra completou afirmando, em oposição a um *eles* que projeta imaginariamente dois coletivos polarizados em seus posicionamentos: “Eles querem mostrar às crianças que não se nasce nem homem nem mulher, querem ir contra a biologia e contra Deus” (Finco, 2017, *Cultura*, s/p). Por sua vez, declara Butler em seu artigo publicado na *Folha de São Paulo* (Butler, 2017, *Ilustríssima*, s/p): “Não sei ao certo que poder foi conferido à palestra sobre gênero que eu daria. Deve ter sido uma palestra muito poderosa, já que, aparentemente, ela ameaçou a família, a moral e até mesmo a nação”.

Um outro caso exemplar foi a polêmica envolvendo a exposição que, promovida pelo grupo Santander Cultural e intitulada “*Queer* Museu, foi designada como “apologia e incentivo à pedofilia”, e após protestos e cobranças à instituição financeira em questão, foi fechada às pressas na cidade de Porto Alegre (RS). Meses depois, com o apoio de uma campanha de financiamento coletivo, a mesma exposição foi instalada no Rio de Janeiro, seguida novamente de polêmicas, de tentativas de sanções e limitações de acesso, e de falas de chefes de igrejas evangélicas. Segundo o professor da PUC-Rio e crítico de arte, Sérgio Bruno Martins, em entrevista a *BBC Brasil* (In: Carneiro, 2017): “Eles viram no meio da arte a chance de inflamar uma espécie de guerra cultural, jogando com um plano moral, no qual uma retórica da escandalização tem um apelo muito fácil, especialmente nesse ecossistema de redes sociais”. Do lado dos que se doeram com a exposição, especificamente, com a performance *La Bête*, chama-nos a atenção certos comentários que circularam na época, a exemplo dos seguintes: “Para começar, não entendo que isso seja arte, muito menos que uma criança tenha acesso a esse tipo de coisa” e “isso não é arte é tudo putaria” (Chaves & Medeiros, 2017)

De forma geral, os acontecimentos mencionados e alguns termos que circularam como objeto de disputa de sentidos – a exemplo de “ideologia de gênero”² – reclamam interpretações desde nossa posição como estudiosas do discurso ao optarmos por construir objetos teóricos atravessados pelas relações de classe, gênero, raça e

² “Ideologia de gênero” e “teoria de gênero” são por nós compreendidas como objetos paradoxais, divididos em seus sentidos pelas lutas ideológicas de deslocamento (PÉCHEUX, 2011), simulacros produzidos desde uma posição sujeito em uma determinada região da memória discursiva que se constitui (também) pela oposição àquilo que nomeia.

sexualidade. Quais relações de força posicionaram, no centro do debate público, gênero e sexualidade, de modo a polarizar interpretações em um fenômeno que envolve, de modo mais amplo, os processos eleitorais, as políticas de Estado e as religiões? Mais do que isso, buscamos um gesto de leitura que se pergunte sobre o modo como universidade, intelectuais e teoria, mas também o campo das artes, constituem-se discursivamente como objetos de ataque sob rótulos como “ideologia de gênero”, sendo tal ideologia considerada de caráter tão perigoso, que seu potencial destruidor de famílias e crianças provocaria o medo, a repulsa, o ódio, a violência, em um processo de negação do ideológico no interior do ideológico.

No recorte que propomos neste artigo, pretendemos analisar o funcionamento linguístico-discursivo daquilo que estamos chamando de falação do sexo ou de sexo em discurso como um funcionamento que nos permite aceder ao processo pelo qual a formação social brasileira passa atualmente. Desse complexo processo, abordamos o seu funcionamento na relação com a produção de discursos sobre sexo e sexualidade, em particular a sexualidade homoafetiva, por meio de uma profusão de falas produzidas, formuladas e de circulação no digital, mais especificamente nos modos de enunciar da rede social *twitter*. Trata-se de pensar em uma certa relação com a produção da verdade e com um jogo dos lugares e papéis enunciativos, conforme já analisado por Zoppi-Fontana (2019a, 2019b). A essa reflexão sobre um determinado jogo dos lugares enunciativos que contribui na produção dos sentidos sobre aquilo que se diz e que se mostra, acrescentamos esta análise de discursos sobre sexo, no/sobre o digital, partindo de uma profusa e confusa massa discursiva em torno do sexual. Da distribuição de “mamadeiras de piroca” por certo partido, passando pelo “*kit gay*” e pela “ditadura *gay*”, citando ainda o “pênis de borracha”, que supostamente seria distribuído em todas as universidades, partimos da constatação de que boa parte das chamadas *fake news* apontam para o sexo e a sexualidade.

De forma específica, na análise que apresentamos, interessa-nos pensar nos modos como os sentidos daquilo que é tido como escandaloso, depravado e absurdo põem a funcionar uma determinada negociação com os limites do que funciona na evidência: sendo a palestra de Butler sobre questões de gênero e sexualidade, como se produz a evidência de que é preciso lutar contra a mesma? Como uma exposição artística é significada como potencialmente perigosa? Além disso, essa narrativização alardeante se constitui por uma lógica dos polos em redes de repetição por meio de uma “imperiosa necessidade de homogeneidade lógica” (Pêcheux, 2012, p. 34) ou preguiça cognitiva, como bem formula Dunker (2019)³. Como um breve movimento de análise, retomamos os enunciados recortados para a apresentação dos acontecimentos e recuperamos oposições que apontam para essa lógica polarizada que se repete e se desloca, como ONU / famílias; putaria / arte; teoria de gênero / identidade do ser humano; ideologia de gênero / biologia e Deus; gênero / religião, moral, nação.

Contrariamente ao que se formula no título da seguinte reportagem: “Queer museu’, a exposição mais debatida e menos vista dos últimos tempos, reabre no Rio”, o que é

³ Dunker fala sobre “O mito do mito” em vídeo homônimo em seu canal <https://www.youtube.com/watch?v=JpTmh0GccTw>. Acesso em: 25/10/2019

digno de nota desse funcionamento que analisamos é exatamente o efeito de muito (se) mostrar e (se) exhibir, e do pouco se dizer (ou muito se não-dizer). Parece ainda haver um funcionamento performático: diz-se que se está mostrando como evidência do sentido, como se a imagem fosse a verdade, a ilustração ou a prova daquilo que, como veremos, aponta um não-dito.

Buscamos compreender a produção de um efeito de evidência⁴ imposto nesse funcionamento, que não admite nem nuances nem contradições, e em que *queer*, sexo, gays, lésbicas viram sinônimos e amálgamas daquilo que é abjeto⁵, daquilo que é inaceitável, aquilo sobre o qual muito se fala, mas aquilo sobre o que pouco ou quase nada se diz. Ao mesmo tempo em que pretendemos analisar o modo como, por meio desse funcionamento do discurso dito conservador, além de esconder, proibir e interditar, existe um efeito de excesso de falação e de mostração do sexo. Um exhibir sem dizer o quê. Um alarde que aponta para uma ameaça, para algo que amedronta. Quais os sentidos dessa ameaça? Quais sujeitos e corpos estão na mira dessa ameaça?

Nossa análise se constitui a partir de enunciados que colocam em evidência o ponto em que a nomeação estremece quando se fala do sexo e, mais precisamente, o ponto em que a língua contorna um certo impasse de dizer no manejo de um “isso”, um “esse”, um “aquilo”, dentre outras formas dêiticas que apontam para uma certa região da memória discursiva que deprecia, censura e interdita tudo aquilo o que diz respeito ao terreno do pornográfico, do erótico e do “baixo sexual”⁶. Quando levamos em conta o *real da língua* (Milner, 2012) nos deparamos com a impossibilidade mesma de simbolizar um sexual que é desde já a marca de um fracasso na linguagem. Mas a questão aqui parece ir além, ela marca o ponto em que o real da língua encontra o real da história (Gadet & Pêcheux, 2004), o ponto em que sexo e política se roçam. De nossa parte, não se trata de produzir uma interpretação sobre os objetos estéticos em questão como “pornográficos” e “baixos” por si, mas de colocar em questão esse olhar que produz o efeito, que julga e deprecia, em suma, esse dizer sobre; esse dedo que aponta e diz “*isso não é arte*”. Como Pêcheux (2016] provoca, a posição de analisar discursos implica em um fazer-se de imbecil, assim, formulamos a pergunta mais elementar: afinal, o que é “isso”? O que é “esse tipo de coisa?”. E quando é o presidente da república aquele que aponta o dedo?

⁴ Referimo-nos a um efeito resultante dos processos ideológicos de subjetivação e identificação no qual sujeito e sentido se constituem (Pêcheux, 1975). O efeito de evidência do sentido, portanto, resulta da constituição do sujeito no interior de formações ideológicas e discursivas.

⁵ O abjeto aparece em nosso artigo considerando as formulações de Butler em *Bodies That Matter*, quem, em entrevista, esclarece que o abjeto não se restringe a sexo e heteronormatividade. Relaciona-se a “todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas ‘vidas’ e cuja materialidade é entendida como ‘não importante’ Para dar uma ideia, a imprensa dos Estados Unidos regularmente apresenta as vidas dos não-ocidentais nesses termos.” (In: PRINS & MEIJER, 2002, p.161). Esses corpos não são inteligíveis e não têm uma existência legítima, logo não importam desde a perspectiva dos discursos dominantes. Segundo a autora, aquilo que não pode ser vivido e compreendido tem uma vida discursiva como figura não questionada, indistinta e sem conteúdo.

⁶ A respeito de uma reflexão sobre o ‘baixo materialismo’ na tetralogia erótica de Hilda Hilst ver Chaves & Medeiros, 2017.

2 “O QUE É GOLDENSHOWER?” E #GOLDENSHOWERBOLSONARO

Dentre os hits do momento e as tradicionais marchinhas carnavalescas, entre os bloquinhos de rua e a imensa massa que pipocava nos trios elétricos das grandes cidades, entre a cerveja, a cachaça, o confete, os abadá e as fantasias, um grito ecoou no pré e durante o carnaval de 2019: “*Ei, Bolsonaro, vai tomar no cu*”. Do norte ao sul de um Brasil tão dividido, o grito debochado unia os descontentes num bloco que se situava entre o desabafo, o xingamento, o protesto, o escracho. Era carnaval e, conforme dizem por aí, a lei que rege essa festa dionisíaca é justamente a suspensão, a derrisão, a transgressão de qualquer lei. Mas sobre o carnaval, assim como sobre o sexo, paira um desejo de policiamento, uma necessidade de controle para os que se sentem ameaçados diante do incontido, do transbordante, do inebriante, e aí nos deparamos com uma série de enunciados do tipo *isso pode aquilo não, aí já é demais, tudo tem limite etc.*

A respeito do enunciado que ecoou com o seu nome, o então presidente da república não se pronunciou, mas como o real, como diz Pêcheux (2012), é algo com qual o sujeito esbarra, se depara, é pego de surpresa, nos deparamos com o olhar do presidente sobre um vídeo que, na (in)feliz coincidência, une o corpo à língua. Quem assistiu ao vídeo sem tarja descreve a cena da seguinte forma: “um vídeo de um bloco de rua em que dois homens dançam e em determinado momento um deles coloca o dedo no ânus se abaixa para outro urinar nele” (Postagens sobre 'golden shower' somem de rede social de Bolsonaro, 2019). E o ânus, ou como diriam os descontentes com Bolsonaro, o cu, que circulava no grito coletivo, reaparece no olhar do presidente quando numa terça-feira de carnaval, em seu *twitter* pessoal, como que por um efeito de metonímia, ou ainda por um efeito de literalidade, ele dispara: “Não me sinto confortável em mostrar, **mas** temos que **expor a verdade** para a população ter conhecimento e sempre tomar suas prioridades. É **isto** que tem virado muitos blocos de rua no carnaval brasileiro. Comentem e tirem suas conclusões”. (Postagens sobre 'golden shower' somem de rede social de Bolsonaro, 2019).

Na quarta-feira de cinzas, interpelado pela repercussão de seu tuíte da terça-feira, tanto no digital quanto no *off-line*, tanto no Brasil quanto na comunidade internacional, o presidente pergunta em seu *twitter*: “o que é golden shower?”. (G1, 2019, s/p).

Ao se estudar o discurso digital, uma das dimensões levadas em conta é o que Paveau (2017) chama de “locutor aumentado”, nesse sentido um tuíte é sempre maior do que os 140 caracteres ou, ainda, vai sempre além da sua própria postagem, evidenciando assim as condições de produção constitutivas de todo discurso. Neste caso, o eixo da circulação do discurso, por seus modos e lugares que se constituem na contingência da produção discursiva do digital, incide no nível da formulação do discurso. O botão “editar” das redes sociais ou a marca “editado” ou ainda “ver edições anteriores nos posts” encontrado nas principais redes sociais são exemplos deste funcionamento *materialmente rastreável*. Os *vestígios* ou *marcas materiais* do discurso digital podem ser ilustrados pelo número de curtidas, retuítes e comentários acrescentados ao tuíte inicial. Conforme divulgado por reportagem do portal de notícias G1, que informa que Bolsonaro tem quase 3,5 milhões de seguidores no Twitter: “O post do presidente com o vídeo teve mais de 8 mil retuítes, mais de 46 mil curtidas e 39 mil comentários até as 12h de quarta. Já a pergunta sobre golden shower teve 28 mil retuítes, mais de 54 mil curtidas e 18 mil

comentários até o mesmo horário” (G1, 2019, s/p). O assunto esteve entre os mais comentados na rede social internacionalmente. Entre as principais hashtags dos *Trending Topics* estavam #ImpeachmentBolsonaro, #BolsonaroTemRazão, #goldenshowerpresidente, #VergonhaDessePresidente. As *hashtags*, curtidas e comentários contribuem a evidenciar e põem a circular diversos sentidos e posições ideológicas para a postagem da terça-feira, configurando *a posteriori* a mesma como um acontecimento⁷.

Retomando a primeira postagem, percebemos que no jogo enunciativo e imaginário entre a primeira pessoa do singular (“não me sinto confortável”) e a primeira pessoa do plural (“mas temos que expor”), oscila a posição de quem publica um tuíte em sua página pessoal, que fala para os seus, e o lugar institucional da presidência da república, que se dirige a uma nação. O enunciado que funciona nessa gangorra tem um desfecho que mostra que uma hora um dos lados pesa mais, ou melhor, trata-se de falar para os seus e ao mesmo tempo de ocupar esse lugar de Chefe de Estado, numa espécie de cumplicidade em que “população” não abarca todo mundo nos processos de identificação e “comentem e tirem suas conclusões” funciona mais ou menos como: *se escandalizem como eu me escandalizei*. À parte o escândalo, não do vídeo, mas do modo como esses lugares são ocupados sem reserva - ou para falar a linguagem do sexo, sem pudor -, nos deparamos com uma espécie de obsceno que atravessa todo esse episódio e esse obsceno, como sabemos, é o olhar que se situa fora da cena e que a alça para algo que extrapola os limites do enquadramento: a “ideologia de gênero”, a “sexualidade perversa”, “a libertinagem”, “o comunismo”, “a esquerda”. O escândalo é o olhar (do homem de bem).

O jogo entre o visível e o nomeado, como aponta Pêcheux (2010), também se apresenta como um nó neste acontecimento não porque a língua consiga dar conta do que se passa nesse bloco de movimento-duração das imagens que é o vídeo, mas justamente porque algo vacila no terreno do dizível e do objeto (ou do abjeto) do qual se fala, e então, não temos mais do que o enigma marcado no rastro do “isto”. Um isto que remete ao *falar e pensar naquilo*, a uma espécie de baixo sexual que se de um lado ameaça a família, a moral e os bons costumes, do outro lado atíça os olhares como uma espécie de empuxo, como diria Lacan (1998, p. 81), o olhar tem *função de voyura*, ou seja, aquilo o que num primeiro momento se evidencia como repulsa, horror, asco, na verdade introduz a dimensão escópica, de “[...] um sujeito se sustentando numa função de desejo” (Lacan, 1998, p. 84.), ou, como diria Bataille (2018, p. 125) sobre esse vai-e-vem da sujeira ao ideal: “[...] somos seduzidos baixamente”.

⁷ A reflexão sobre a noção de acontecimento perpassa alguns momentos da reflexão teórica de Michel Pêcheux ([1984] 2010): o acontecimento como aquilo o que irrompe e desestrutura uma série, o acontecimento como aquilo o que implica uma postura ética e política diante da posição de analisar discursos, o que necessariamente nos destitui do lugar positivista da descrição e nos faz assumir gestos de interpretação, justamente porque há língua e “[...] toda descrição - quer se trate da descrição de objetos ou de acontecimentos ou de um arranjo discursivo-textual não muda nada, a partir do momento em que nos prendemos firmemente ao fato de que ‘não há metalinguagem’ - está intrinsecamente exposta ao equívoco da língua” (Pêcheux, 2012, p. 53). Assim, antes de definir aquilo o que seria ou não um acontecimento, trata-se aqui de assumir o risco e o incômodo de nos colocar diante daquilo o que circula. Essa, talvez, seja a aposta desse trabalho que se marca por um desconforto, um desajuste com o contemporâneo nos termos de Agamben, mas também pelo desejo de no vazio político atual engajar o campo teórico na “produção de acontecimentos”, como afirma Pêcheux em 1981, uma colocação extremamente contemporânea para nós, que em 2019 vivemos o absurdo do nosso tempo.

Aqui o convite para que todos espreitem o sexual não se reduz a uma ideia de repressão do sexual como censura. O que destacamos é um certo funcionamento contraditório no qual as interdições e censura dos discursos sobre o sexo não se fazem sem uma profusão de dizeres sobre o sexo - uma discursivização do sexo⁸, como já apontava Foucault (1976). Em outras palavras, no dispositivo de saber-poder da sexualidade, não se expressa somente um caráter negativo do poder, mas sua faceta produtiva de incitação ao discurso⁹, que aqui temos chamado de falação do/sobre o sexo.

Consideramos, junto ao autor, a importância de se analisar quem fala sobre sexo, os lugares e os pontos de vista, as instituições que incitam a fazê-lo. No caso, “a colocação do sexo em discurso” relaciona-se ao controle pelo medo do que se produz como abjeto, um outro que se mostra, que se vê, ao mesmo tempo em que se odeia e não se conhece em sua contradição pelo efeito de uma evidência ideológica. Ao mesmo tempo, essa falação do sexo aponta o tempo inteiro para um lugar vazio, em que “expor a verdade” não é dizer, mas enrodilhar-se num “isto” que remete tão somente a uma imagem em seu funcionamento profundamente opaco. Falação aqui é um bla-bla-blá que resulta antes de mais nada em uma compulsiva mostração. Mas essa falação reserva também uma espécie de convite, de promessa, pois o vídeo, tal como foi publicado, com a banalidade de quem portava um celular e gravou no afã da situação nos coloca, ainda, a dimensão de um ver sem parar, em suma, de uma “ordem panóptica” nos termos de Foucault (1975), e nos termos do poder, um convite: vamos policiar o sexo, cada um, com seu *smartphone*, na dimensão mais privada e obscena possível.

E o observar e o mostrar - agora indissociáveis - revelam uma vontade de saber que, ao mesmo tempo que constitui o abjeto polarizado na estabilização lógica (os depravados vs os homens de bem) constitui o sujeito em um processo que atinge o desejo e as condutas individuais como “técnicas polimorfos do poder”. De algum modo, parafraseando as questões lançadas por Foucault, fazendo ecoar tantas análises que mostraram a proeminência do discurso sobre o sexo no contemporâneo¹⁰, perguntamo-nos pelos efeitos de poder do que se diz sobre o sexo e a relação com os prazeres. Nas palavras do filósofo, recuperando seu projeto de genealogia do dispositivo da sexualidade, tateamos com a análise realizada o regime de poder-saber-prazer que sustenta o discurso sobre a sexualidade entendido como constitutivo do sujeito e de objetos. A posição-sujeito que se projeta/se identifica com esse discurso, em diálogo com essa perspectiva, pode ser considerado também como constituída pelo o que (não) se diz e o que (não) se mostra por certas práticas sexuais ou por certos corpos significados como abjetos, por vezes indizíveis, reduzidos a um “isso” ou a uma fórmula como “ideologia de gênero”. Poderia ainda se pensar essa posição como constituída pelo sexo em discurso como imagem opaca que veicularia sua verdade não-dita em um efeito de evidência - o

⁸ “*Mise en discours du sexe*”, no original em francês.

⁹ Os “elementos negativos — proibições, recusas, censuras, negações — que a hipótese repressiva agrupa num grande mecanismo central destinado a dizer não, sem dúvida, são somente peças que têm uma função local e tática numa colocação discursiva, numa técnica de poder, numa vontade de saber que estão longe de se reduzirem a isso”. (Foucault, 1988, p.16)

¹⁰ Um exemplo desse tipo de reflexão pode ser lido em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonarao-nao-e-conservador-e-um-abusador-midiatico/>. Acesso em: 13/08/2019

efeito elementar do ideológico. Assim, se um dos efeitos imediatos desse discurso é constituir o outro como potencial sexual-depravado-ameaçador, no fundo, o que percebemos mesmo é o olhar investido do sexo, ou melhor, o dedo que aponta, conforme a máxima freudiana: “quando Pedro me fala de Paulo, sei mais de Pedro que de Paulo”.

3 “O TWITTER RESPONDEU A BOLSONARO O QUE É GOLDEN SHOWER”¹¹

A noção de “acontecimento” tal como proposta por Pêcheux (2012), conforme já vimos, implica em uma relação constitutiva com a memória num trabalho em que a dimensão da língua é algo fundamental. Assim, ele coloca o fato de que aquilo o que acontece é incessantemente trabalhado, percorre diversas instâncias enunciativas atravessadas por formulações irremediavelmente equívocas. Quando pensamos a contemporaneidade, esse trabalho enunciativo se alastra pelo digital em que se cruzam posições oficiais, matérias jornalísticas, indignações militantes, apoiadores do governo e uma profusão de *memes*, que introduzem a dimensão dos efeitos do humor, do deboche, da ironia. O que resulta dessa produção em torno do acontecido é uma espécie de temporalidade múltipla em que o acontecimento se lança História adentro e futuro afora, ou seja, o acontecimento produz devir e é pelo jogo contingente dos equívocos da língua e sua inscrição na História, que algo desliza para outros lugares que não só a repetição enfadonha, como *um retorno de um mito*, de um poder que escandaliza e é escandalizado com o sexo.

A dimensão daquilo que é produzido no digital não se limita de modo algum a esse espaço/modo de circulação, assim a notícia “Bolsonaro apaga tuíte do 'golden shower' após revelação de ação no STF”, publicada na página da BBC (Senra, 2019) é uma das materializações desse funcionamento. Aliás é interessante perceber como o gesto de apagar algo resulta na verdade na hiper visibilização daquilo o que se apagou, digamos que apagar, nesse caso, funciona no extremo oposto do desaparecer, mas, na verdade, do amplificar, do viralizar, do “jogar no ventilador”, no processo recorrente da falação do/sobre sexo entre o silenciamento e a incitação aos discursos - ou mesmo o silenciamento em um lugar que incita o dizer em outro. Esse ato de apagar, nativo do digital, se constitui em uma de tantas repercussões e reações possíveis, e parece estabelecer com a memória e com o sujeito uma relação de literalidade e de centralidade, como se apagar um tuíte retirasse o dizer e o sentido de circulação, produzindo ainda um efeito de individualização dos sentidos do que ele diz/mostra, apontando para um sujeito que se projeta *irresponsavelmente* como dono do seu dizer.

Nesse processo, entram em cena diversas outras reações: desde a pergunta “ingênua” do presidente, um dia após a publicação: “O que é *Golden Shower*?”, mas concomitante a isso, várias respostas em forma de *meme*, e até mesmo as declarações oficiais na tentativa de contornar (mas de, ao mesmo tempo, escancarar) não o que “pegar mal” do lado do vídeo, mas do lado do Presidente a partir de uma reação transnacional à sua postura pouco adequada quando se considera o que deve e pode dizer um Chefe de

¹¹ <https://www.hypeness.com.br/2019/03/o-twitter-respondeu-a-bolsonaro-o-que-e-golden-shower/>. Acesso em: 04/07/2019

Estado. Dentre as *tags* que circularam na época (#goldenshowerpresident #VergonhaDessePresidente e #ImpeachmentBolsonaro), #goldenshowerbolsonaro acabou funcionando, de modo irreverente, como nomeação para se referir ao presidente no *twitter* (em vez da menção pelo @, modo mais convencional de se mencionar alguém nessa rede), esse funcionamento aponta para uma reação envolvendo os lugares de dizer e de enunciar que parecem vacilar no discurso político contemporâneo, atravessado pelo digital.

No jogo da língua, algo desliza sem cessar do *Golden Shower* da prática sexual para o *GoldenShowerBolsonaro*, da “pouca vergonha” do vídeo para a vergonha *desse* presidente e, finalmente, para uma tomada de posição política, um convite à ação, ao *impeachment*. Assim, se uma certa onda conservadora se materializa pelo trabalho da língua (e como vimos, por um dedo que aponta e diz “olhe isto”, mas não fala nada ou não nomeia o isto), temos, por outro lado, um processo de resistência que também passa pelo funcionamento equívoco da língua no próprio jogo da “imbecilidade”, como Pêcheux (1990, p. 17) coloca, “não entender ou entender errado, tomar os enunciados ao pé da letra, jogar com o léxico”. E assim, temos uma série de “respostas” à pergunta “o que é golden Shower?": a publicação de *memes* com a imagem de uma ducha dourada; um cachorro urinando na foto de campanha do presidente e, mais especificamente, na boca; mas também publicações como: “As prioridades, que ele fala tomar, serão para proibir o carnaval ou proibir o golden shower? Ou será que o 'tomar' tem a ver com VTNC? Tantas perguntas” (Bolsonaro pergunta o que é golden shower; internautas não perdoam, 2019). Um gesto que dispara em várias direções, jogando o enunciado do presidente contra si mesmo na força performativa que ele evoca: tomar o quê? Mostrar para quê? Para proibir o quê? Ao mesmo tempo é pelo léxico da língua que “tomar” também remete ao grito que ecoa carnaval afora no xingamento ao presidente.

Uma outra formulação remetendo a um outro lugar de enunciação é quando, do lugar institucional do porta-voz da Presidência da República¹², se vêem pelas vias institucionalmente reconhecidas como o processo de formulação, esclarecer “a intenção” na postagem do vídeo “na conta pessoal de uma rede social”, trazendo à baila o que se tem chamado de uma pós-verdade:

No vídeo, postado pelo **Sr Presidente da República** em sua **conta pessoal** de uma rede social, há cenas que **escandalizaram**, não só o próprio Presidente, bem como grande parte da sociedade. É um crime, tipificado na legislação brasileira, que violenta os valores familiares e as tradições culturais do carnaval. Não houve **intenção** de criticar o carnaval de forma genérica, **mas** sim **caracterizar uma distorção clara** do espírito momesco, que simboliza a descontração, a ironia, a crítica saudável e a criatividade da nossa maior e mais democrática festa popular. (Tweet de Bolsonaro com ‘golden shower’ em carnaval repercute no mundo, 2019, grifo nosso).

Destacamos o “mas” na formulação do porta-voz e o funcionamento do pré-construído em “distorção clara” como algo que todo mundo poderia ver. Novamente, há um efeito ideológico de evidência, que produz, pela filiação a uma rede de memória, e a

¹² A fala circulou no seu canal no youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=OJ1hxr7cRJK>. Acesso em: 27/10/2019

uma posição de identificação com os discursos conservadores, um enxergar com clareza os sentidos do *isso* que não se nomeiam. O funcionamento desse pré-construído reforça-se na negação - negar a crítica ao carnaval, símbolo da brasilidade, mesmo em uma conjuntura de que igrejas que desaconselham seus fiéis a frequentarem a festa da carne, - o que significaria um certo recuo da posição de quem representaria a nação, inclusive em suas imagens para o exterior. E essa fala do porta-voz mais uma vez reformula e reitera os sentidos do contemporâneo, não somente não se desculpando pela livre associação entre carnaval e “cenas que escandalizam”, mas apontando como evidência de que há algo ali que é criticável, criminoso em “é um crime”, uma frase sem sujeito, sem nome. O que é um crime? O carnaval? O sexo entre homossexuais? No recrudescimento dos discursos conservadores, a existência dos homossexuais? O sexo explícito? O atentado ao pudor? O golden shower? Qual família é violentada em seus valores pelas imagens? Esses valores teriam sido violentados caso as imagens não tivessem sido expostas pelo Presidente? Qual seria a relevância das imagens do ponto de vista político se não tivessem sido espalhadas por Bolsonaro? Em suma, o *twitter* como dispositivo digital de circulação dos sentidos tanto tem efeito na enunciação política desde o lugar de enunciação do Presidente quanto nas possibilidades de reação do público.

Retomando Foucault (1988), no funcionamento discursivo analisado, consideramos que o *quem diz* e sua posição institucional significam e são de maior interesse que o próprio objeto de dizer - parece que temos então o exercício da presidência aproximada de uma polícia moral, em outras palavras, o que inscreve o acontecimento que se instaura como objeto de outros dizeres - de comentários sobre em diversas materialidades discursivas - é quem o enuncia e o modo de enunciação, mais do que o que enuncia, ou ainda, o inenunciável de seu dizer e do seu dito. Ao mesmo tempo, não haveria um outro objeto que não cessa de não se dizer?

A contradição entre o pessoal e lugar social/institucional do Presidente, conforme se pode perceber também em seu próprio post no *twitter* (jogo de alternância entre a primeira pessoa do singular/primeira pessoa do plural), é aqui reiterada nas palavras do porta-voz: “conta pessoal do Presidente da República”. Nesse funcionamento Zoppi-Fontana (2019a, s/p), retomando Silveira (2015), tem identificado uma certa “sobreposição do ordinário do digital com o institucional”, transbordando

os limites confusos e instáveis entre uma fala pública e uma fala privada, uma fala institucional e uma fala individual, uma declaração oficial e uma opinião pessoal, o comunicado de uma decisão definitiva ou de uma tentativa provisória [...] A atual circulação da palavra política coloca para a mídia especializada e para a população atenta questões de difícil resposta: quem diz, a partir de que lugar, ocupando qual posição, com qual teor?

Podemos ilustrar esse *desdobramento do sujeito enunciador* com o *deslimite* entre o que é postado na *conta pessoal* mas que, ao mesmo tempo, e explicitando esse contraditório, vem a ser esclarecido pelo porta-voz da presidência. Podemos ainda exemplificar com o fato de que se criou (e/ou se fez circular como tal) uma conta no *twitter* com a identificação digital @goldenshower (se filiando à memória dos nomes de contas pessoais, identificadas pelo @), e que questiona em uma postagem: “o que é Bolsonaro?”, uma forma linguística que pergunta por objeto ou prática (*O que é x?* E não

quem é x?), reduzindo o sujeito à condição de coisa. Além dessa caricatura feita para não ser levada a sério o que seria uma conta pessoal (aqui nos referimos à conta pessoal @goldenshower), e que aponta justamente para algo que beira o absurdo, uma vez que o objeto na condição de pessoa pergunta pela pessoa na condição de objeto. Um artifício que resvala para riso e escárnio, assim, podemos ainda mencionar esse jogo com os lugares de enunciação posto em evidência a partir do acontecimento #goldenshowerbolsonaro a partir da potência memética do digital (Zoppi-Fontana, 2016).

Para essas reflexões, Zoppi-Fontana (2019a) contribui com suas formulações sobre os “dispositivos de enunciação política no Brasil atual”, ao relacionar o que se compreende, a partir de Pêcheux, como *des-localização do sujeito enunciador* com as práticas discursivas nomeadas como “pós-verdade”¹³ e “fake news”¹⁴. O tuíte de Bolsonaro e o *esclarecimento* de seu porta-voz convocam ao escândalo, mobilizam pela emoção que provoca no seu funcionamento com efeito de clareza, “um simulacro de certeza, sustentado numa crença excessiva que afeta os participantes da interlocução”, baseando-se em saberes filiados a regiões do interdiscurso que circulem hegemonicamente como senso comum (ZOPPI-FONTANA, 2019a, s/p). Esse *efeito de clareza* se projeta nas declarações oficiais que se constituem como uma busca por tamponar (mas também, escancarar) e resolver *aquilo* que é posto em discussão pelo presidente - buscando *falar com clareza e força*, e ao mesmo tempo explicitando o contraditório e atualizando dizeres de uma fala autoritária - como na declaração do Assessor especial para assuntos internacionais da presidência, Filipe G. Martins: “Theodore Roosevelt dizia que a Presidência da República é um ‘bully pulpt’, uma **posição pública** que permite **falar com clareza e com força** sobre **qualquer problema**. Foi o que o presidente @jairbolsonaro fez ao **expor o estado de degeneração** que tomou nossas ruas nos últimos dias”. (Tweet de Bolsonaro com ‘golden shower’ em carnaval repercute no mundo, 2019, grifo nosso).

O “estado de degeneração” se encaixa na formulação do assessor da presidência atualizando uma memória, inscrevendo os sujeitos e os sentidos “no imaginário politicamente dividido e ideologicamente determinado que dá sustentação aos processos de identificação” (Zoppi-Fontana, 2019a, s/p). Assim assistimos a

Um jogo sobre as regras e os rituais dos aparelhos de Estado, para melhor deles se servir, um jogo sobre os modos de dizer e a enunciação da fala pública, para embaralhar os lugares de enunciação e corroer os regimes de verdade que lhe estão associados. Um jogo performático-midiático, aproveitando os recursos da *web*, que explora as possibilidades e virtualidades de seu funcionamento para reproduzir sob outras roupagens, para dizer o “novo” sem nunca romper.

¹³ No nosso trabalho entendemos, assim, a ‘pós-verdade’ como uma “forma histórica particular da enunciação política que se caracteriza por ser *a fala pública de um locutor autorizado, identificado por um nome próprio e inscrito em um lugar institucional de destaque no campo político, a quem lhe seria atribuído um modo de dizer emocional e irracional e uma vontade de enganar ou confundir a opinião pública*” (ZOPPI-FONTANA, 2019a, s/p, grifos da autora)

¹⁴ No texto em questão, a autora formula uma distinção discursiva entre esses dois modos de circulação do dizer na contemporaneidade.

A formulação do assessor funciona pela saturação, dizendo mais do mesmo e retomando, ela explicita e *expõe* o pré-construído que *caracteriza uma distorção clara do espírito momesco*, como se houvesse em algum lugar um código de condutas e regras que rege permissões e interditos no carnaval. Há ainda um dizer sobre a enunciação - um movimento metaenunciativo na forma de um comentário tanto sobre o que é dito quanto sobre o lugar de quem diz e, principalmente, sobre o lugar de dizer como “posição pública”, com efeito de justificativa para um dizer e um dito (retomando o gesto de tuitar e o próprio tuíte) que rompem com o que se espera do modo de enunciação e do enunciável por um presidente.

Sobre a “des-localização tendencial do sujeito enunciador”, Pêcheux (2016, p.28) afirma: Isso circula como adquirimos o hábito de dizer, fazendo dessa circulação a imagem positiva de nossa modernidade discursiva liberada ou, ao contrário, a falsa moeda de línguas de vento: os turbilhões esfumaçados do não importa o quê destinados a chamar a atenção, desviando-a dos problemas reais.

No entanto, para além dos “turbilhões esfumaçados”, como formulou Pêcheux, ou das *cortinas de fumaça*, como formulam alguns analistas políticos da atualidade a respeito das tempestivas postagens ou declarações do presidente, percebemos a partir de nossa análise que esse funcionamento deslocalizado aponta para um determinado processo discursivo. Esse processo, como sabemos se atravessa de uma relação simbólica, real e imaginária, o que significa ressaltar que seus efeitos muitas vezes dizem daqueles que podem viver sob a proteção e o amparo do Estado e daqueles que são o alvo de uma política de perseguição e morte.

O dizer sobre o sexo, ou ainda, a colocação do sexo em discurso se relaciona de maneira radicalmente contraditória com um efeito de identificação com os sentidos do medo, posicionando determinadas vidas como sem importância, imorais, precárias, aviltantes à família e às crianças, de modo a justificar de uma posição de poder a violência que lhes toma como objeto. Fala-se de sexo e do medo, de medo do sexo, mas quais corpos e quais sujeitos têm sentido medo? Quais corpos e sujeitos estão sob ameaça?

4 O DEDO QUE APONTA E A MÃO QUE FAZ ARMINHA

Silveira (2015, p. 131) afirma que no *twitter* se pode observar um certo efeito de rumor, essa *capacidade de rumor* “está na possibilidade que os sujeitos ordinários têm de colocar em relação, por meio da midiatização de versões “não autorizadas” em uma mesma timeline, as versões sistematicamente silenciadas de um e de outro lado do discurso político- midiático”. Ao mesmo tempo, Zoppi-Fontana (2019a, s/n) menciona, a partir da análise de jogos enunciativos como o que descrevemos acima, a existência de um “gesto hegemônico de interpretação dos fatos da atualidade”. Entre autorizações de versões e de *tópicos* hegemônicos (como os *trending topics* do twitter, os *assuntos mais falados do momento*), acabamos nos deparando com uma negociação desigual, uma disputa, sobre o que se falar e de que modo se dizer e mostrar. Essa negociação sobre os limites do que se pode dizer, projeta, sim, alguns perigos ou ameaças, mas não exatamente para onde ou para *aquilo* que se aponta no dizer. Dentre diversas direções possíveis, elencamos duas a seguir.

Primeiramente, pela ruptura do ritual enunciativo, uma direção naquilo que identificamos anteriormente como a des-localização do sujeito enunciativo. Existe um efeito de ultrapassagem das bordas daquilo que se pode dizer do lugar do presidente, ao mesmo tempo em que esse des-limite projeta e provoca sentidos profundamente conservadores. Nessa disputa sobre o que falar e de que modo, do lugar daqueles que tentaram defender alguma posição democrática e alguma possibilidade de diálogo, saíram a se explicar a respeito da vinda da Butler, afirmando que a palestra não seria sobre gênero, e nós perguntamos: mas e se fosse sobre gênero e sexualidade? Já a respeito da exposição *Queer* Museu, circularam dizeres afirmando de que não havia nada de sexual na exposição. E se houvesse? Sobre a postagem desde a posição de presidente sobre o *golden shower*, muito se falou sobre o lugar ou posição ocupados, dizendo que ele não deveria ter postado. Ao que nós questionamos: e se fosse de outro lugar, seria aceitável esse amálgama entre fantasia sexual, 'estado de degeneração' e pessoas homoafetivas? E assim se impõe ao se falar sobre sexo e sexualidade uma naturalização de um lugar do absurdo e do abjeto reservado a alguns corpos e sujeitos, mas também um desejo de espreitar, de ver pelo buraco da fechadura, de compartilhar nos grupos do *whatsapp*, de fazer desses vídeos e fotografias a grande falação, mas antes e, sobretudo, a matéria de um gozo, que recusado pelo sujeito, o envenena, o mortifica, faz do outro-olhado o grande inimigo, porém, não deveríamos, antes, nos perguntar pelo olhar?

Em segundo, nessa negociação em que se percebe a *hegemonia* do gesto que *interpreta os fatos* e que indica, indexa, aquilo sobre o que se pode e deve falar, é possível identificar que essa falação do sexo, nesse gesto de apontar ameaças, e anunciar medos, que esse dizer sobre o sexo é um não dizer sobre um outro gesto que ameaça corpos e sujeitos. Projeta-se um sujeito que vê e mostra o outro, que goza e é policial do seu desejo, do desejo do outro, um sujeito que amedronta e que tem medo também¹⁵. Existe um gesto que atualiza a memória do medo e da morte, o dedo que aponta isso, aquilo, que funciona como uma dêixis, que também é efeito de promessa de segurança para os que aderem e de ameaça de morte tanto aos que resistem quanto àqueles cujos corpos *não importam*, sujeitos mulheres, negros, indígenas, pobres que pela abjeção tornam-se objeto sob a mira, objeto inespecífico, sem nome próprio, até que uma bala ou outra ação violenta o acerte - cada um é só mais um para as estatísticas.

O funcionamento dêitico, segundo Courtine (1981, p. 230), “coloca em posição de tema de discurso um elemento anafórico tendo em seu campo um pré- construído”. A

¹⁵ Encontramos em Safatle (2015) uma reflexão que visa compreender o poder a partir do modo como ele constrói corpos políticos, circuitos de afetos e regimes de implicações: “A forma como os afetos circulam determina comportamentos sociais, regressões políticas, certas possibilidades de vida em detrimento de outras, assim, olhar para o circuito dos afetos é desvelar: “[...] como normatividades sociais fundamentam-se em fantasias capazes de reatualizar continuamente os mesmos afetos em situações materialmente distintas uma das outras”. Para Safatle, encarar a sociedade como um circuito de afetos implica partir dos modos de gestão social do medo como um mecanismo de sustentação das normas e obediência às leis. Esse medo, que perpassa uma ameaça constante sobre a vida, os corpos, os objetos, a invasão da privacidade, não só leva o indivíduo a determinadas práticas auto protetoras, mas ele é constitutivo da própria concepção de indivíduo, com interesses e fronteiras incessantemente defendidos e, sobretudo, o medo serve de fundamento para os processos de reconhecimento. Quando pensamos o medo como afeto a partir das condições de uma política liberal, que transforma sujeitos em indivíduos livres, capazes e responsáveis, somos jogados inevitavelmente na dimensão de um perigo constante, esse perigo é o Outro, um invasor potencial” (In: Baldini, L.; Chaves, T., 2018, p. 802).

deixis do *isto* funciona, nesse modo hegemônico, impondo um tema do discurso, um tópico, que toca pelas bordas o sexo, o medo, a morte. Nessa discursividade, o que traz a teoria de gênero e o debate sobre sexualidade se constitui como uma defesa da existência de corpos e vidas várias que a “ideologia de gênero” (como se projeta dos lugares hegemônicos) quer assassinar e já assassina. Nas palavras de Butler (2017, s/p), pessoas que não se enquadram nas normas de gênero e nas expectativas heterossexuais cuja necessidade urgente é criar as condições para uma vida possível de viver. E nesse sentido, sim, não somente a teoria de gênero - que busca “maior liberdade e aceitação para a gama ampla de identificações de gênero e desejos que constitui nossa complexidade como seres humanos”, mas todo o pensamento crítico se tornam incômodos, dado que questionam os dizeres hegemônicos que selecionam quais ficam na mira dos discursos de ódio e apontam para aqueles que defendem a violência como instrumento da política e da moral religiosa ameaçando qualquer projeto democrático.

O nosso contemporâneo se constitui por um mal-estar diante disso, e do sexo, como numa relação com a memória da ordem do real, daquilo o que não cessa de não se escrever (Lacan *apud* Pêcheux, 2012), e que se inscreve o tempo todo. Há algo que escapa e que ao mesmo tempo, insiste, explode de sentidos, mas também fere na carne e não faltam estatísticas de um Brasil-país-do-carnaval que mais violenta e mata mulheres, gays, lésbicas, travestis e trans no mundo. Enfim, nessa relação entre dizer e não dizer, desfazendo-se do efeito de evidência desse mostrar com efeito de verdade, na qual o que se aponta não é somente em relação ao sexo, nessa discursividade do sexo no contemporâneo, o excesso de fala é também uma falta, dizer sobre o sexo é um não dizer sobre nomes próprios: um não dizer sobre Marielle, Ágata, Evaldo Rosa, Henrique Gonzaga, Emyra Waiãpi.¹⁶

De nosso lugar de analistas de discurso, diante da memória e da atualidade desse acontecimento que demanda uma tomada de posição, diante dessa *exigência à qual não podemos não responder*, certas paráfrases se tornam urgentes. Como sabemos, gestos de resistência se constituem, também, em gestos que levam os enunciados ao pé da letra: “Não me sinto confortável em mostrar, mas temos que expor a verdade para a população ter conhecimento e sempre tomar suas prioridades. É isto:

“As lágrimas por Ágata no Complexo do Alemão, onde crianças se habituaram a fugir de tiros.”

¹⁶ Sobre a abjeção dos corpos (e os nomes próprios - completamos), Butler afirma: “Podemos notá-la, por exemplo, na matança de refugiados libaneses: o modo pelo qual aqueles corpos, aquelas vidas, não são entendidas como vidas. Podem ser contados, geralmente causam revolta, mas não há especificidade. Posso verificar isso na imprensa alemã quando refugiados turcos são mortos ou mutilados. Seguidamente podemos obter os nomes dos alemães que cometem o crime e suas complexas histórias familiares e psicológicas, mas nenhum turco tem uma história familiar ou psicológica complexa que o *Die Zeit* alguma vez mencione, ou pelo menos nenhuma que eu tenha encontrado em minhas leituras desse material” (In: PRINS & MEIJER, 2002, p.162).

As lágrimas por Ágatha no Complexo do Alemão, onde crianças se habituaram a fugir de tiros

Velório de menina de oito anos, morta com um tiro de fuzil nas costas durante operação policial, reúne centenas de moradores, ativistas e artistas no Rio. "Nossa luta só está começando", discursa o avô



Fonte: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/22/politica/1569186636_712007.html. Acesso em: 12/10/2019

“Não me sinto confortável em mostrar, mas temos que expor a verdade para a população ter conhecimento e sempre tomar suas prioridades. É isto:” Foi enterrado corpo do músico Evaldo Rosa, morto por soldados do exército com 80 tiros.

“Não me sinto confortável em mostrar, mas temos que expor a verdade para a população ter conhecimento e sempre tomar suas prioridades. É isto:”

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? In: *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2014.
- BALDINI, Lauro J. Siqueira & CHAVES, Tyara Veriato. Do visível ao nomeado: enquadramentos do humano. In: *Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas*, n (57.2): 799-820, mai./ago., 2018.
- BATAILLE, Georges. Olho. In: *Documents: George Bataille*. Desterro (Florianópolis): Cultura e Barbárie, 2018.
- BOLSONARO pergunta o que é golden shower; internautas não perdoam. Blog do Esmael, 2019. Disponível em: <https://www.esmaelmorais.com.br/2019/03/bolsonaro-pergunta-o-que-e-golden-shower-internautas-nao-perdoam/>. Acesso em 29 de nov. 2019.
- BUTLER, Judith. Judith Butler escreve sobre sua teoria de gênero e o ataque sofrido no Brasil. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 19 nov. 2017. Ilustríssima, s/p. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/11/1936103-judith-butler-escreve-sobre-o-fantasma-do-genero-e-o-ataque-sofrido-no-brasil.shtml>. Acesso em: 29 nov. 2019.
- CARNEIRO, Julia Dias. ‘Queermuseu’, a exposição mais debatida e menos vista dos últimos tempos, reabre no Rio. *BBC News Brasil no Rio de Janeiro*, 16 ago. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45191250>. Acesso em: 29 nov. 2019
- CHAVES, Tyara Veriato; MEDEIROS, Karine. É metafísica pura ou putaria das grossas??: o (baixo) materialismo no corpo da língua. Disponível em: <https://docplayer.com.br/88935233-E-metafisica-pura-ou-putaria-das-grossas-o-baixo-materialismo-no-corpo-da-lingua.html>.
- CHAVES, Tyara Veriato; (Est)éticas do sexual no campo do discurso. Trabalho apresentado na Jornada Binacional Mulheres em Discurso e Paris 13, Campinas, 2017.
- COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político*. O discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: Edufscar, 2009.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, Cultura e Política*. Tradução: Heci Regina Candiani. 1ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

FRANÇA, Glória; CESTARI, Mariana; CHAVES, Tyara Veriato. O sexo em discurso na contemporaneidade: o fantasma do gênero e o acontecimento Golden Shower. *Crítica Cultural – Critic*, Palhoça, SC, v. 14, n. 2, p. 223-240, jul./dez. 2019.

- DERRIDA, Jacques. *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. Belo Horizonte: UFMG, 2014.
- FINCO, Nina. Filósofa Judith Butler é agredida em Congonhas antes de deixar São Paulo. *Época*, 10 nov. 2017. Cultura, s/p. Disponível em: <https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2017/11/filosofo-judith-butler-e-agredida-em-congonhas-antes-de-deixar-sao-paulo.html>. Acesso em: 29 nov. 2019.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- G1 (SP). Após postar vídeo com pornografia, Bolsonaro pergunta o que é 'golden shower'. In: *Portal G1*, 6 mar. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/03/06/apos-postar-video-com-pornografia-bolsonaro-pergunta-o-que-e-golden-shower.ghtml>. Acesso em: 29 nov. 2019.
- GADET, Françoise e Pêcheux, Michel. *A língua inatingível: o discurso na história da linguística*. Campinas: Pontes, 2004.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- MILNER, Jean-Claude. *O amor da língua*. Campinas: Unicamp, 2012.
- NECKEL, Nádia & FLORES, Giovanna. As fogueiras contemporâneas e as práticas de resistência. In: Cestari, Mariana & França, Glória. *Dossier temático: Raça, gênero e brasilidade: discursos, identificações, subjetividades*. Littera online. v.9, n. 17, 2018.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: UNICAMP, 1988.
- PÊCHEUX, Michel. Abertura do colóquio. In: CONEIN, Bernard et.al.(orgs.) *Materialidades discursivas*. 1ed. 1981. Campinas: Unicamp, 2016.
- PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. In: *Caderno de estudos linguísticos*. Campinas: Unicamp, 1990, n.19.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes Editores, 2012.
- PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (org.). *Papel da memória*. Campinas: Pontes Editores, 2010.
- PÊCHEUX, Michel. Ideologia – aprisionamento ou campo paradoxal? In: ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Campinas: Pontes Editores, 2011.
- PAVEAU, Marie-Anne. *L'analyse du discours numérique*. Dictionnaire des formes et des pratiques. Paris: Hermann, 2017.
- PRADO, Marco Aurélio Maximo e CORREA, Sonia. Retratos transnacionais e nacionais das cruzadas antigênero. *Revista de Psicologia e Política* [online]. 2018, vol.18, n.43, pp. 444-448. ISSN 1519-549X.
- POSTAGENS sobre 'golden shower' somem de rede social de Bolsonaro. G1, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/03/21/postagens-sobre-golden-shower-somem-de-rede-social-de-bolsonaro.ghtml>. Acesso em 29 de nov. 2019.
- PRINS, Baujke, & MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Revista Estudos Feministas*, 10 (1), 155-167. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100009>
- SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- SENRA, Ricardo. Bolsonaro apaga tuíte do 'golden shower' após revelação de ação no STF. *BBC News Brasil*, 21 mar. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47662013>. Acesso em: 29 nov. 2019.
- SILVEIRA, Juliana da. *Rumor(es) e Humor(es) na circulação de hashtags do discurso político ordinário no Twitter*. 2015. 200 f. Tese (Doutorado). Curso de Doutorado em Letras, Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2015.
- TWEET de Bolsonaro com 'golden shower' em carnaval repercute no mundo. Youtube, Jornal o Globo, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OJ1hxr7cRJK>. Acesso em 29 de nov. 2019.
- ZOPPI-FONTANA, Mónica G. Argu(meme)ntando. Argumentação, discurso digital e modos de dizer. In: Piris, Eduardo & Azevedo, Isabel. *Discurso e argumentação: fotografias interdisciplinares 1*. Coimbra: Gracioso Editor, 2016.

ZOPPI-FONTANA, Mónica G. (2019a), Transformações da fala pública: do porta-voz autorizado aos tuítes do filho amado. Mesa-redonda “Nos limites do discurso”. Congresso da Associação Brasileira de Linguística. Maceió, maio de 2019

ZOPPI-FONTANA, Mónica G. (2019b). O Amor à língua e à política. Mesa-redonda: “um pouco de memória e discurso: sentidos e resistência”. IV Seminário Internacional (SINEL), Cascavel, junho de 2019.



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.